

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RAFAEL SEMIÃO LOUÇÃO

**O VIÉS DIGITAL DE GÊNERO E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOECONÔMICAS E
CULTURAIS**

CURITIBA

2017

RAFAEL SEMIÃO LOUÇÃO

**O VIÉS DIGITAL DE GÊNERO E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIECONÔMICAS E
CULTURAIS**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel no Curso de Graduação em Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Guimarães

CURITIBA

2017

TERMO DE APROVAÇÃO

RAFAEL SEMIÃO LOUÇÃO

O VIÉS DIGITAL DE GÊNERO E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOECONÔMICAS E CULTURAIS

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel no Curso de Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a. Dra. Raquel Rangel de Meireles Guimarães
Departamento de Ciências Econômicas, UFPR

Prof^a. Dra. Denise Maria Maia
Departamento de Ciências Econômicas, UFPR

Prof^a. Dra. Aline Cristina da Cruz
Departamento de Ciências Econômicas, UFSJ

Curitiba, 08 de dezembro de 2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha família, que sempre esteve ao meu lado, mostrando compreensão e apoio e, todos os momentos que passei durante esses cinco anos.

Em segundo lugar agradeço a todo o departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Paraná, em especial a orientadora desse trabalho, Profa. Dra. Raquel Rangel de Meireles Guimarães que aceitou me guiar nesse último ano, mostrando toda sua excelência e capacidade.

Por último agradeço a todos os meus colegas, pelo apoio, auxílio e amizade que tive durante esse período.

“Os temas mais complexos podem ser explicados ao menos inteligente dos homens, caso ele ainda não tenha uma ideia formada sobre eles; mas o assunto mais banal não pode ser esclarecido ao mais inteligente dos homens, caso ele esteja convencido de que já conhece sem sobra de dúvida o que tem diante de si.”

(LEON TOLSTOI, 1897)

RESUMO

O advento da internet proporcionou inúmeras mudanças nos últimos 25 anos e a sociedade passou a se tornar cada vez mais dependente dessa nova tecnologia a fim de obter ganhos econômicos e sociais. Apesar de a internet ter um caráter anônimo, diferenças econômicas e sociais são refletidas nesse novo ambiente. Um dos fatores que levantam preocupação é a questão da divisão digital de gênero. Com a internet sendo construída num ambiente patriarcal, fica evidente a disparidade de gênero no que tange ao acesso e ao uso de computadores. Em relação ao acesso a internet, nota-se que mulheres sofrem mais barreiras no que tange a obtenção de acesso à computadores, por exemplo, em relação aos homens. Já em relação ao uso, estudos mostram que mulheres sentem maiores dificuldades no aprendizado e integração com novas tecnologias, dados estereótipos culturais herdados. Comprova-se que essas disparidades podem ocasionar futuras divergências no mercado de trabalho, bem como minar o potencial que a internet tem de reduzir as desigualdades já existentes na sociedade. O objetivo do seguinte trabalho é analisar esse viés de gênero e quais seus impactos para o ambiente social, econômico e cultural. Com base nisso, foi realizada uma revisão bibliográfica onde, através desta, é analisado todo o contexto de viés de gênero, bem como as barreiras enfrentadas pelas mulheres, passando pela análise dos impactos econômicos e sociais e possíveis políticas de solução. Dada as análises apresentadas no seguinte trabalho, percebe-se a existência do viés digital de gênero, principalmente no que tange o viés de uso, bem como a necessidade de se adotar políticas públicas as quais freiam ou impedem o crescimento desse viés.

Palavras-chave: Viés Digital de Gênero, ICTs, Internet, Desigualdade de Gênero

ABSTRACT

In the last years, several changes were proportioned by internet, and the society became increasingly dependent of this new technology, with the purpose to obtain economic and society gain. Besides it's anonym chatacteristic, economic and social differences are reflected on internet. One of the factors that raise concern it's the gender digital divide. With the internet being built in a patriarchal environment, gender disparity in access and use became evident. In relation to Internet access, it is noticed that women suffer more barriers in obtaining access to computers, for example, in relation to men. Regarding use, studies show that women experience greater difficulties in learning and integration with new technologies, given inherited cultural stereotypes. These disparities can lead to future divergences in the labor market, as well as undermine the potential of the internet to reduce existing inequalities in society. This situation makes women have an inferior position related to men in several aspects, and prevent them to achieve goals that could improve the quality of her lives. The objective of this paper is to analyze this gender bias and it's impacts on social and economic environment. Based on this, a blbliographical review carried out to analyze all the gender bias context, as well the barriers faced by women, going through the analyze of the economic and social impacts and possible politic solutions. Given that, it's evident that the gender digital divide is real, mainly regarding the use bias, as well as the need to adoptc public policies that stop or impede the growth of the gender bias.

Key-words: Gender Digital Divide, Gender Inequalities, ICTs, Internet.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – USUÁRIOS DE INTERNET: HOMENS VS MULHERES, PAÍSES SUL-AMERICANOS – 2008 A 2010	15
FIGURA 2 – DIFERENÇA ENTRE HOMENS E MULHERES NA ÁREA PROFISSIONAL DE ICTs, 2017	20

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	O VIES DIGITAL DE GÊNERO	14
2.1	O VIÉS DIGITAL DE GÊNERO QUANTO AO ACESSO À INFORMAÇÃO .	14
2.2	O VIÉS DIGITAL DE GÊNERO QUANTO AO USO DA INFORMAÇÃO	19
2.3	O VIÉS DIGITAL DE GÊNERO E SUAS PRINCIPAIS BARREIRAS	22
3	IMPACTOS SOCIOECONOMICOS E POTENCIAIS POLÍTICAS DE SOLUÇÃO	25
3.1	OS IMPACTOS SOCIOECONOMICOS DO VIÉS DIGITAL DE GÊNERO...	25
3.2	SUGESTÕES DE POLÍTICAS DE SOLUÇÃO	27
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
	REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

A economia vem evoluindo sistematicamente nas últimas décadas, e isso se dá, principalmente, nos sucessivos avanços tecnológicos, os quais as economias mundiais enfrentam. Nos últimos 25 anos, o advento dos computadores, da automatização de processos, entre outros, proporcionou melhor qualidade produtiva e melhor qualidade de vida, a chamada 'nova' economia (MITTER E NG, 2005). Empresas terceirizam atividades, ao redor do mundo, vendem para consumidores nas mais remotas regiões do planeta, obtém *feedback* de consumidores das mais variadas culturas, dentre outros. A cada fase da revolução industrial, a economia vem se redesenhando, alcançando cada vez mais um maior aparato produtivo. E, nos últimos anos, com o advento da tecnologia da informação, a situação não está diferente. A sociedade está se moldando nesse novo paradigma. Hoje não só mais o inglês é requisitado nas escolas e em aplicações para vagas de emprego. O conhecimento básico de *softwares* e programação entra, também, como algo diferencial. As escolas mudam seus métodos de ensino para motivarem seus jovens estudantes a entender mais do funcionamento desse novo paradigma tecnológico.

Estima-se que, em 2016, de acordo com o site *InternetStats* (2016), cerca de 3,4 bilhões de pessoas tenham acesso à internet, representando cerca de 46% da população mundial, em 2016, sendo que o grande *boom* digital passou a ocorrer a partir de 2000. Com a expansão da internet foram verificados que os reflexos sociais já existentes foram replicados no ambiente digital e estudos passaram a ser realizados, com o intuito de identificar tendências de desenvolvimento, riqueza, gênero, dentre outros.

No começo da expansão da internet, a preocupação quanto a gêneros era voltada para a divergência de acesso aos computadores (JOINER, STEWART E BEANEY, 2015). A principal forma de comunicação e uso da internet se dava através de computadores. Os computadores, em seus primórdios, eram extremamente caros (BERNDT E RAPPAPORT, 2001), e o acesso era limitado, principalmente, pelo poder de compra do usuário. As mulheres, então, já saem em desvantagem, visto o poder de compra menor que possuem, dada a diferença salarial de gênero (ACCENTURE, 2017). A situação se torna ainda mais crítica se analisada em países em desenvolvimento, onde, muitas vezes, o uso de computadores e internet era limitado por questões culturais (HUYER E SIKOSKA, 2003).

A maior facilidade de acesso aos computadores e tecnologias semelhantes, com o passar dos anos, fez com que essa divergência entre homens e mulheres diminuísse consideravelmente, apesar de existir, principalmente em países em desenvolvimento. Contudo, notou-se que a questão de gênero passou a estar presente em outro aspecto da internet: o de uso. Estudos mostram que há um viés em relação ao uso da internet por homens e mulheres, e esse viés impacta negativamente na experiência às quais homens e mulheres enfrentam ao utilizar as novas tecnologias (COOPER, 2006).

Como em quase todos os ramos no qual a sociedade é construída, a tecnologia ainda foi construída num âmbito patriarcal. Computadores e habilidades matemáticas são vistos mais como uma área, na qual os meninos estariam interessados e supostamente teriam maior habilidade do que as meninas, o que impacta na forma sobre a qual o conhecimento é transmitido pela sociedade e pelas escolas. *Softwares* de aprendizados, jogos eletrônicos, aulas, quase tudo é pensado visando ao seu público alvo, o qual a sociedade instintivamente acredita ser o público masculino. Ao criar esse universo voltado ao público masculino, mesmo que sem noção explícita de que o faz, a sociedade priva as mulheres da facilitação do conhecimento, criando um ambiente no qual as mulheres sintam-se deslocadas, criando uma dificuldade psicológica adicional no aprendizado, ansiedade quanto ao uso da tecnologia, dentre outros (COOPER, 2006).

Essas barreiras adicionais às quais as mulheres enfrentam no início da vida escolar/acadêmica, impactam negativamente o futuro das mesmas quanto ao mercado de trabalho. Num mundo no qual a tecnologia se torna cada vez mais requisitada e cada vez mais fundamental, é de suma importância o engajamento, seja na hora de buscar melhores oportunidades no mercado de trabalho, reivindicar maiores salários, dentre outros. Há a privação de uma parcela cada vez mais crescente e cada vez mais importante no mercado de trabalho, o que impacta negativamente para o desenvolvimento econômico de um país. De acordo com dados do Banco Mundial (2017), estima-se que as mulheres representam cerca de 39% da força de trabalho mundial.

Além do mais, quando tanto a barreira do acesso à informação, quanto a barreira do estereotipo de gênero são ultrapassadas, as mulheres enfrentam mais uma barreira social. Buscar o aprendizado e conhecimento no ramo computacional requer dedicação e tempo, o que pode ser limitado pela jornada dupla, até mesmo

tripla, que as mulheres enfrentam. Jornadas de trabalho, junto com jornadas acadêmicas e mais atividades domésticas, as quais muitas mulheres tomam como obrigação, dificultam a disposição das mesmas a buscar cursos adicionais e formas de aprimorar suas habilidades no ramo informacional, como mostram Antonio e Tuffley (2014).

Essas barreiras às quais a mulher enfrenta, apenas agravam ainda mais as diferenças sociais entre homens e mulheres. É de suma importância que as mulheres tenham acesso à internet e a seus diversos usos. Um estudo recente realizado pela Accenture (2017) mostra que o acesso de mulheres à educação digital pode reduzir em até 21% o gap salarial entre homens e mulheres. Atingindo esse objetivo, a troca de experiências pode ser expandida num âmbito global. Grupos de apoio, visões voltadas ao público feminino na área de tecnologia da informação, maior conhecimento para escolhas sociais, as quais a podem beneficiar, são poucas dentre das muitas vantagens que as mulheres poderiam obter.

Economicamente, é de suma importância que o gap hoje existente entre homens e mulheres, em todas as esferas da sociedade sejam reduzidos. O desenvolvimento econômico de um país, por si só, pode causar melhorias no empoderamento das mulheres. Por outro lado, dar às mulheres recursos, os quais ela pode desenvolver sua vida pessoal e acadêmica, também auxiliam no desenvolvimento econômico (DUFLO, 2012).

Além do mais, há correlação positiva entre produto per capita e o uso de internet. Nota-se que, países mais desenvolvidos estão mais propensos ao uso da internet, o que permite a esses países desenvolverem certas habilidades que não seriam possíveis dado o poderio econômico (BANCO MUNDIAL, 2012). É importante ressaltar que, esse dado pode ser visto, também, do ponto de vista de um fluxo circular. Mais poderio econômico, de fato, significa maior acesso à internet e tecnologias que utilizam a internet.

De acordo com Manyika e Roxburgh (2011), a internet corresponde a cerca de 3,4% do PIB das grandes economias (que constituem cerca de 70% do PIB mundial). Os autores ainda ressaltam que, em economias como China, Brasil e Índia, a internet representou cerca de 7% no crescimento do PIB. O mesmo estudo ainda ressalta que a internet, apesar de ter tornado muitos empregos obsoletos, ajudou na criação de uma rede mundialmente conectada a qual facilita a busca por novas oportunidades de trabalho e que, apesar da destruição de certas posições, ajudou a

criar novas. Para cada emprego que a internet destruiu na França, por exemplo, foram criados 2.4 novos empregos, de acordo com o estudo.

Isso evidencia a importância da internet e desse novo *boom* tecnológico, o qual a sociedade vive, no desenvolvimento econômico de um país. É extremamente necessário que, para atingir um patamar ainda mais elevado de desenvolvimento, principalmente, nos países emergentes, as mulheres estejam engajadas nessas novas atividades produtivas. Construir meios e políticas necessárias, para que as mulheres tenham maior conexão com a internet e melhores meios de aprendizado, é fundamental para aumentar a participação das mesmas no mercado de trabalho, proporcionando maior geração de riqueza para as nações.

Atualmente, há poucos estudos no Brasil que sistematizam e exemplificam a questão do viés de gênero digital. Poucas referências foram encontradas do estudo no Brasil, e, por esse motivo, a seguinte monografia têm um enfoque maior em artigos desenvolvidos por pesquisadores estrangeiros. Grande parte dos textos analisados a seguir foram retirados da plataforma Google Acadêmico. Os dados estatísticos que são apresentados foram retirados, em grande parte, da base de dados do Banco Mundial.

Dada a bibliografia coletada e a análise feita, a monografia a seguir tem como objetivo exemplificar o viés digital de gênero, evidenciando o viés de gênero em relação ao acesso e uso da internet, bem como sua importância no desenvolvimento econômico. Através de uma revisão bibliográfica do tema, busca-se, através desta, explicar os diferentes tipos de viés existentes, bem como os principais fatores que criam essa divergência entre gêneros, seus impactos socioeconômicos e culturais bem como sugestões de políticas de solução para o tema.

No capítulo dois será abordado o contexto do viés de gênero digital, no que tange o viés de gênero em relação ao acesso da internet, ou seja, o acesso ao computador ou celulares de fato, e ao acesso de uso, onde este representa o viés de gênero após o acesso à computadores e celulares, por exemplo. Neste mesmo capítulo será abordado, também, as principais barreiras às quais a mulher enfrenta tanto para o acesso quanto para o uso das ICTs. Já o capítulo três abordará os impactos socioeconômicos que a redução do viés de gênero pode ocasionar, bem como as sugestões de políticas de solução que podem ser adotadas pelos formuladores das mesmas. E por fim, no capítulo quatro, tem-se as considerações

finais com os temas abordados, analisando de forma geral a situação da divisão digital de gênero no âmbito da internet.

2 O VIES DIGITAL DE GÊNERO

O viés digital de gênero é visto tanto na esfera de uso de conhecimento das ferramentas digitais, quanto na esfera física, ou seja, no acesso à internet. Tanto o uso, quanto o acesso, ocasionam uma causação circular, que impede as minorias de ter o benefício desse uso (KULARSKI E MOLLER, 2011).

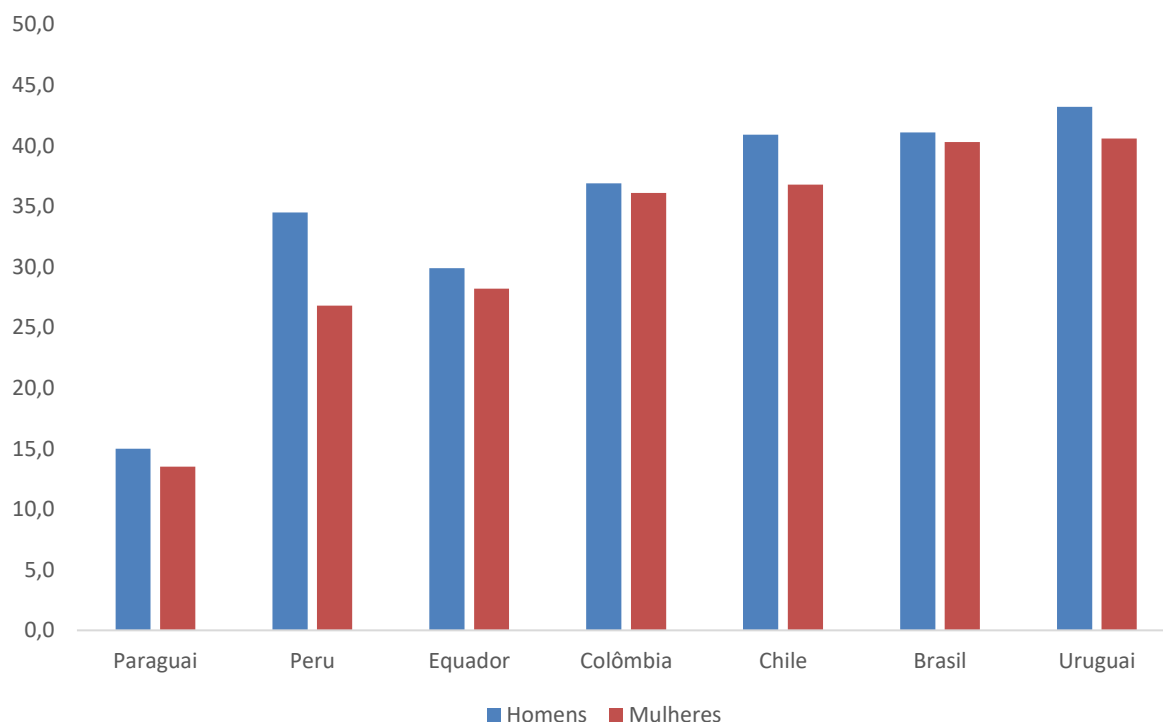
2.1 O VIÉS DIGITAL DE GÊNERO QUANTO AO ACESSO À INFORMAÇÃO

A sociedade é constituída em um ambiente patriarcal, fazendo com que as mulheres saiam em desvantagem em relação aos homens no ambiente digital (MITTER E NG, 2005). Nos últimos anos, o mundo tem vivido por constantes revoluções tecnológicas que vem tornando a globalização mundial cada vez mais intensiva e direta.

A internet passou a ser parte do cotidiano, tornou-se praticamente uma ferramenta obrigatória para o progresso no mundo que vivemos, e, qualquer parcela da população que não obtém acesso à internet, tanto por falta de condições financeiras, quanto por falta de habilidade no manuseio, sai em desvantagem no que se refere à ganhos econômicos, sociais e de qualidade de vida. Prover acesso à internet para as mulheres pode ocasionar quebra de barreiras que persistem há anos, melhorando sua qualidade de vida, em termos de aumento de renda, melhoria da saúde, dentre outros (ANTONIO E TUFFLEY, 2014).

De acordo com a base de dados da ITU Statistics, para verificar a diferença entre homens e mulheres na questão do uso da internet entre países não-europeus, de uma amostra de 38 países, entre os períodos de 2008 a 2010, apenas quatro países apresentaram um número de mulheres superior ao de homens. Entre os países sul-americanos, nenhum apresentou este resultado, como pode ser verificado na figura abaixo.

FIGURA 1 – USUÁRIOS DE INTERNET: HOMENS VS MULHERES, PAÍSES SUL-AMERICANOS – 2008 A 2010



FONTE: Elaboração própria do autor, com base nos dados da ITU Statistics.

Os dados apresentados na Figura 1 corroboram o que foi apresentado por Zorn (2005). A autora afirma que tanto em países em desenvolvimento, quanto nos desenvolvidos, o acesso das mulheres à internet é menor do que dos homens. Zorn (2005), aponta, ainda, que o uso da internet é fundamental para auxiliar no desenvolvimento do bem-estar social e econômico das mulheres, bem como servir como ferramenta para o empoderamento feminino na esfera social. Zorn (2005) enfatiza a importância de caracterização de um espaço virtual destinado principalmente as mulheres, permitindo que elas troquem experiências de vida, bem como, em conjunto, achem soluções e oportunidades, de diferentes pontos de vista, para problemas cotidianos a qual as mulheres enfrentam e nem sempre tem a quem recorrer.

Munévar e Arrieta (2005) compartilham desse mesmo pensamento, enfatizando a relação entre o uso da internet e poder, argumentando que, prover acesso às mulheres, principalmente, às localizadas em países relativamente mais pobres, é fundamental para que tenham controle de decisão política, pessoal e financeira. Para estes autores, a internet, por ser um meio de comunicação global e,

em grande parte, anônima, passa a falsa impressão de que não há desigualdade no meio, sendo todos os usuários da rede, iguais.

Contudo, analisando os números de acesso à internet, os autores mostram que há, de fato, a desigualdade digital de gênero. Munévar e Arrieta (2005) ainda mostram a relação da internet com o poder de disseminar e controlar informações, e o cuidado que se deve ter ao não deixar esse tipo de poder longe das mulheres, para que, através dele, possam ter uma gama maior de decisões em relação às suas vidas. Os autores afirmam, também, que as transformações tecnológicas impactam a sociedade como um todo, abrindo novas oportunidades de conhecimento e negócios, e, se as mulheres estiverem inseridas nessa camada que recebe esses impactos, questões de gênero, tanto no mundo digital, quanto na sociedade em geral, podem ganhar maior destaque, permitindo uma busca mais intensa pela equidade de gênero.

O acesso das mulheres à internet pode, também, prover maior qualidade de vida e maior tomada de decisão no que se refere ao ambiente político. Com mais mulheres obtendo a informação que a internet tem, estas teriam mais poder de escolha de seus representantes no Governo, o que poderia, por exemplo, proporcionar melhor qualidade de vida no longo prazo. De acordo com o estudo realizado pela *Pew Research Center* (2012), pessoas que utilizam as redes sociais como o Facebook, por exemplo, são mais engajadas em assuntos políticos do que usuários que não usam. O estudo ressalta, ainda, que a participação política dessa parcela de usuários é muito mais relevante e dinâmica do que usuários que preferem meios tradicionais e não online de engajamento político. Apesar de o acesso a internet ser um fator de empoderamento, por si só, é necessária a presença feminina na legislação, para atingir as demandas dessa parcela da população (MUNÉVAR E ARRIETA, 2005). Correlacionando com o afirmado por Munévar e Arrieta (2005), Chloe Tseng (2016) mostra que há correlação positiva entre mulheres na política e leis que beneficiam as mesmas, porém, apenas dois países possuem igualdade parlamentar de gênero.

Quando se trata de redes sociais, não apenas o engajamento político tende a aumentar. A influência das redes sociais e de microblogs auxiliam no aumento da presença feminina no mundo digital. Um dos fatores para tal influência se deve à possível troca de experiências entre mulheres do mundo todo. Ter o conhecimento sobre um estilo de vida de uma região, de uma história de superação, ou até mesmo de ideias para a resolução de determinado problema pode ser fundamental no

entendimento e posicionamento da mulher no âmbito social (JOINER, STEWART E BEANEY, 2015).

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Marcelle (2005) afirma que prover acesso a internet às mulheres ajuda estas a buscar melhores oportunidades de emprego, o que ocasionaria maiores oportunidades de renda, e, em países mais pobres, aumentando seu poder de barganha às quais estas têm no âmbito familiar. Mitter (2005) evidencia a importância das ICTs para a globalização mundial, permitindo que empresas expandam seus negócios através do mundo, com mais facilidade, seja através da comercialização de produto, quanto através da mão-de-obra. Essa expansão da mão de obra, por exemplo, auxilia com que certos trabalhos cheguem a lugares com menor custo, provendo emprego e renda para parcelas menos favorecidas da população. Um desses casos, segundo o autor, é o aumento da presença feminina no mercado de trabalho na Índia. Contudo o posicionamento das mulheres no mercado de trabalho ainda é muito atrelado com a postura do país no qual vivem, visto que cada país mantém uma política tributária, jurídica e econômica diferente para a permissão da instalação e expansão de empresas estrangeiras em seu território (MITTER, 2005).

Mitter e Ng (2005) mostram justamente essa crescente participação feminina no mercado de trabalho, principalmente, no que se refere à Malásia e à Índia. As autoras enfatizam a grande participação das mulheres nos Call Centers dos países, bem como as polêmicas envolvendo tal participação. Enquanto parcelas de pesquisadores afirmam que os números de mulheres predominam nesse ramo, pelo fato de haver a exploração trabalhista, dado o baixo custo da mão de obra nesses países, outros afirmam que a ascensão desses empregos trouxe às mulheres maior empoderamento, dado que passaram a participar mais do mercado de trabalho.

Bem como oferecer oportunidades de emprego, a internet pode prover uma forma de renda autônoma. Mulheres com pouco tempo disponível, seja por filhos ou pela cultura a qual são submetidas, podem encontrar na internet um meio de obter mais renda, através da confecção de produtos feitos em casa e vendidos na internet, bem como o trabalho remoto, em âmbitos de consultoria, administrativo, entre outros. Além do mais, quando se trata de países em desenvolvimento, principalmente, nas áreas rurais, prover o acesso à internet para as mulheres permite com que negociem com maior facilidade, bem como tenham maior recurso para avaliação do preço de matéria prima e contato com outros vendedores e fornecedores, visto que, como

afirmam Huyer e Sikoska (2003), o número de mulheres em áreas rurais nesses países é superior do que o número de homens. Esse é o caso citado por Aker e Mbiti (2010) onde os autores mostraram que, o uso da internet móvel permitiu um maior desenvolvimento econômico da agricultura do país, dada a redução nos custos de pesquisa de preços e de melhoria da informação sobre produtos e condições para o plantio para a venda do mesmo.

Antonio e Tuffley (2014) também argumentam sobre o benefício que a internet traz no que diz respeito à redução da pobreza das mulheres em ambiente rural. Os autores afirmam que, ao obter acesso à informação de preços, informações sobre o produto, bem como toda a cadeia de oferta, promove numa melhora econômica pessoal, bem como no desenvolvimento econômico do país. Antonio e Tuffley (2014) citam, ainda, o caso que corrobora com o mencionado por Mitter (2005), no que se trata do desenvolvimento do mercado de trabalho da Índia. Os autores mostram a significativa melhora da presença feminina no mercado de trabalho na Índia, bem como em outros países, relacionando esta melhora com o acesso à informação e conhecimento provido.

Como visto acima, proporcionar às mulheres o acesso à internet e a informação, bem como a educação é de extrema importância não só para o desenvolvimento pessoal e profissional, mas para o desenvolvimento político da nação. Ter essas mulheres com capacidade crítica e analítica que a internet pode prover, pode resultar em escolhas mais sábias no âmbito político, escolhas as quais, no futuro, podem impactar em desenvolvimento ainda maior dessa parcela da população. Apesar das inúmeras dificuldades que as mulheres enfrentam ao obter o acesso à internet, a situação vem melhorando nos últimos anos. De acordo com Joiner, Stewart & Beaney (2015), a diferença de acesso entre homens e mulheres vem reduzindo com o passar dos anos, apesar de que o gap quando se trata do uso da mesma continua grande. Os estudos realizados pelos autores corroboram essa mesma análise, mostrando que a participação de mulheres no mundo digital vem crescendo cada vez, e até mais que os homens, no que se refere à entrada no mundo digital. Entretanto, uma nova lacuna preocupante vem crescendo, ao longo do tempo no que se refere ao uso da internet.

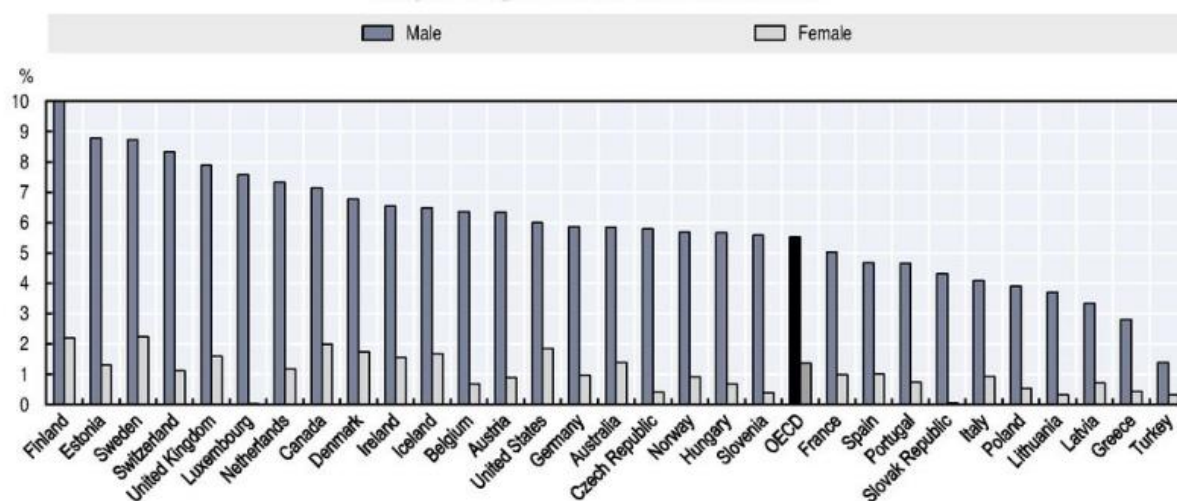
2.2 O VIÉS DIGITAL DE GÊNERO QUANTO AO USO DA INFORMAÇÃO

Alguns formuladores de política podem se atentar ao fato de que resolver o problema de acesso à internet é suficiente para promover maior igualdade de gênero, tanto em âmbito social, quanto econômico. Porém, estudos recentes mostram que, apesar do viés de acesso estar melhorando, um novo viés cresce em relação às ICTs.

Joiner, Stewart & Beaney (2015) mostram, que, de fato, o hiato de acesso se reduziu bastante. Porém, os autores levantam a preocupação quanto ao uso da internet, ou seja, mesmo com homens e mulheres tendo mesmas capacidades de acesso, a ação tomada no âmbito da internet apresenta determinado viés. O estudo mostra que educação, salário, status social estão correlacionados positivamente com o uso da internet e os autores levantam a questão de que a desigualdade social de gênero vem se refletindo na internet como um espelho. A internet e o ramo computacional foram e são vistos como um ambiente completamente masculino, como afirmam os autores. A mesma ideia é corroborada por Huyer e Sikoska (2003), quando mostram em seu texto que toda a estrutura da ICTs foi criada num âmbito predominantemente masculino, e é regida, e regulamentada por formuladores de políticas, que, como visto, em sua maioria são do sexo masculino.

Um estudo publicado por Brit Cava (2016) mostra a proporção de mulheres que obtém o título de bacharel em ciência da computação, entre 1971 e 2013, nos Estados Unidos. Este estudo mostra que os anos 80 foram o período com mais participação de mulheres nesse novo universo. Cerca de 37% dos diplomas de ciência da computação foram conferidos às mulheres. Era de se esperar, portanto, uma melhora significativa ao longo do tempo, dada a maior facilidade de inclusão, dentre outros. Entretanto, esse estudo mostra que, entre 2004 e 2013, apenas 18% dos diplomas de bacharel em ciência da computação foram conferidos a mulheres, ou seja, menos mulheres estão buscando essa especialização na área de computação. Esses resultados podem ser evidenciados de acordo com a Figura 2. Os dados publicados pelo OECD Digital Economy Outlook 2017 (2017) mostram a grande disparidade entre homens e mulheres no que tange o mercado de trabalho em ICTs.

FIGURA 2 – DIFERENÇA ENTRE HOMENS E MULHERES NA ÁREA PROFISSIONAL DE ICTs, 2017



FONTE: OECD Digital Economy Outlook (2017).

Cooper (2006) mostra a importância da igualdade de gênero no âmbito virtual, bem como seus impactos sociais e econômicos. Para o autor, o uso da internet em escolas, por exemplo, proporciona maior qualidade de estudos, bem como notas maiores para aqueles que usam, em comparação aos que não a usam. Segundo Cooper (2006), há um viés social oculto na sociedade, a qual designa a área de TI para um ambiente completamente masculino. O autor mostra, também, que as mulheres sofrem de maior ansiedade quanto ao uso do computador em aulas práticas junto a outros meninos, dado o estereótipo social de que meninos são melhores com a tecnologia, criando certa intimidação nas meninas em relação ao uso de computadores.

Cooper (2006) realizou um estudo no qual evidenciou que programadores, intrinsicamente, fazem programas e ambientam a internet pensando que seu usuário final será do gênero masculino. Dessa forma, as mulheres tendem a se sentir excluídas daquele espaço, enquanto os meninos tendem a associar a internet como algo desafiador e prazeroso. Cooper (2006) destaca, através de outro estudo, que, quando meninos tendem a falhar em determinada atividade envolvendo computadores, atribuem esse erro à falta de sorte, e buscam corrigir tal erro rapidamente, enquanto as meninas tendem a associar a falta de capacidade para as atividades envolvendo computadores, desencorajando futuras atividades e futuras buscas de aprendizado nessa área. Saloma-Akpedonu (2005) corrobora o que foi apresentado por Cooper (2006), mostrando que os homens convivem, desde a

infância, com a tecnologia, principalmente por estarem entre os principais desenvolvedores da internet ao longo de sua criação.

Matwyshyn (2003), seguindo a mesma linha de pensamento de Cooper (2006), mostra que, desde cedo, as mulheres tendem a evitar contato com computadores no que se refere ao aprendizado em escolas e universidades. Para a autora, é essencial ter mulheres como desenvolvedoras, ou seja, por trás da produção de conteúdo e aplicativos, com a finalidade de tornar a internet um ambiente mais neutro, e não com tanto caráter masculino. Matwyshin (2003) mostra que, ao longo dos anos, o uso da internet tem se tornado cada vez mais facilitado, e, quando se trata de processos mais complicados, como a produção e o desenvolvimento de aplicativos, o índice de desistência tende a ser maior, dada a dificuldade envolvida no processo. Dificuldade essa que poderia ser evitada se, desde cedo, as meninas fossem encorajadas a usar a internet. Matwyshyn (2003) reafirma o apresentado por Cooper (2006), dizendo que o ambiente digital e computacional é visto como coisa de meninos. Cooper (2006) em seu texto afirma que tal situação ocorre dado um contexto social que a sociedade, em geral, tende a atribuir atividades de cunho lógico às tarefas de meninos.

Matwyshyn (2003) mostra, também, que, além da seleção social para o aprendizado em computadores, há a auto seleção das meninas, dada a falta de encorajamento, e a seleção de professores e escolas, que tendem a carregar o estereótipo social. A autora ainda afirma que há correlação positiva entre a participação em aulas computacionais no ensino médio e seguir a carreira na área de computação. A baixa demanda de meninas em aulas de computação, principalmente, no ensino médio, se deve, segundo a autora, à ansiedade em relação ao conhecimento e uso de skills, sendo este o mesmo caso apresentado por Cooper (2006) no que tange à autoconfiança para a realização de atividades envolvendo computadores.

Saloma-Akpedonu (2005) afirma que é necessário criar espaços estritamente femininos com a finalidade de reduzir o gap de gênero, bem como promover um ambiente no qual as mulheres se sintam estimuladas a usar a internet. Cooper (2006) apresenta um estudo, no qual desenvolvedores foram requisitados a elaborar programas visando ao consumidor final, sendo este oculto aos programadores. E o resultado foi a criação de um software inteiramente voltado ao ambiente masculino, envolvendo jogos de ação e todos os elementos comumente compartilhados por

meninos na internet. Esse estudo evidencia o estereótipo social intrínseco na sociedade, o qual dificulta, ainda mais, o acesso de meninas, tanto no uso, quanto na produção de conteúdo e tecnologia.

Joiner, Stewart & Beaney (2015) conduziram três estudos, realizados em 2002, 2012 e 2013, para verificar a diferença de uso da internet entre homens e mulheres. De acordo com os estudos, homens são mais propensos a usar a internet para jogos e entretenimento, enquanto mulheres para a comunicação. Os autores evidenciaram melhora na igualdade de gênero em relação ao uso, apesar de as disparidades ainda prevalecem. Isso representa o afirmado por Saloma-Akpedonu (2005) de que o ambiente da internet é construído e reformulado com base em um universo completamente masculino.

As formas de entretenimento que a internet oferece são desenhadas e projetadas para o ambiente masculino. O principal são os jogos eletrônicos. Desde o design dos mapas, até o estilo do jogo, tudo é pensado em um universo inteiramente masculino, o que cria um nicho para aquele mercado, e cria uma “masculinização” do ambiente das ICTs. E mesmo com as mulheres buscando a mudança nesse cenário, ainda enfrentam um sexismo exacerbado no mundo digital, como apontam Fox e Tang (2014). O artigo aponta que as mulheres gastam tanto tempo, as vezes até mais, quanto os homens na internet no que tange aos jogos, contudo, sofrem de constantes assédios nesse mundo virtual.

2.3 O VIÉS DIGITAL DE GÊNERO E SUAS PRINCIPAIS BARREIRAS

As seções anteriores proveram uma base sobre a qual pode-se estabelecer o que é o viés de gênero e como este atua na internet. Porém, para proporcionar as devidas soluções e o entendimento dos impactos econômicos que a mesma tem, deve-se analisar as barreiras que impedem essa igualdade no mundo digital.

Marcelle (2005) mostra que, em 1995, evidenciou que as mulheres enfrentavam, no âmbito tecnológico, as mesmas barreiras as quais tem de enfrentar todos os dias para as atividades diárias, como, por exemplo, o acesso desigual a treinamentos e educação, distribuição desigual de renda, limitação no processo de tomada de decisão e controle, pressão social e desvalorização do conhecimento da mulher. Antonio e Tuffley (2014) argumentam que a desigualdade digital é reflexo da desigualdade vivida no mundo, e as barreiras que as mulheres enfrentam na esfera

social são replicadas no mundo digital, tendo alta correlação com as desigualdades no mundo virtual. Os autores apontam quatro principais barreiras que as mulheres enfrentam, sendo elas a exclusão da educação em tecnologia, o tempo livre limitado, as normas sociais que favorecem os homens (o ambiente patriarcal) e fatores financeiros e constitucionais.

Antonio e Tuffley (2014) ainda mostram que, ao redor do mundo, as mulheres são menos propensas a receber educação, se comparadas com os homens, devido a questões culturais, dentre outras. Para os autores, o fato de haver menos mulheres como desenvolvedoras e programadoras dificulta o acesso e a motivação para o aprendizado, corroborando o apresentado anteriormente por Matwyshyn (2003). Além disso, outro ponto de convergência dos autores reflete o dito por Mitter (2005). Tanto para Mitter (2005) quanto para Matwyshyn (2003), uma das maiores barreiras enfrentadas, no que se reflete ao âmbito educacional, é a linguagem. Antonio e Tuffley (2014) mostram que 99% das linguagens de programação são baseadas em inglês, e, apesar de o inglês ser uma das línguas mais faladas do mundo, nem todos são aptos a terem conhecimento suficiente para dominar o ambiente de ICTs.

É notório que mulheres enfrentam jornadas duplas e até mesmo triplas de trabalho, e caso sobre tempo, suas capacidades físicas e mentais se esgotam. Sendo assim, fica cada vez menos atrativo para as mulheres investir e buscar uma inclusão maior no âmbito de ICTs. Huyer e Sikoska (2003) apontam que, dadas as barreiras que as mulheres enfrentam, elas devem ser convencidas de que o conteúdo presente na internet é de utilidade a elas. Ter as mulheres mais engajadas e focadas em obter aprendizado e investir recursos é uma maneira, por exemplo, de tentar ultrapassar a questão do tempo limitado e outras possíveis barreiras que possam envolver algum contratempo motivacional.

Cooper (2006) argumenta que a divisão social de gênero é dada, em grande parte, pelo estereótipo social desfavorável com o qual as mulheres têm que conviver. Para Cooper (2006), a principal interação entre uma criança e a tecnologia se dá através do entretenimento, no caso, jogos. Porém, os programadores responsáveis por esses se concentram, cada vez mais, em criar um ambiente dinâmico e intuitivo que pende para o mundo masculino, dado o público de maior consumo desse tipo de entretenimento. Com isso, ao ser criados programas educativos para escola, como jogos educativos, por exemplo, os programadores tendem a ter o mesmo viés, tornando a educação para as meninas menos atrativas do que para os meninos. Ao

educar as crianças num ambiente completamente masculino, mesmo sem intenção, as mulheres acabam sendo excluídas desse meio e se tornando cada vez menos confiantes e mais ansiosas, quando se trata do uso da tecnologia.

Essa ideia converge com o apresentado por Joiner, Stewart & Beaney (2015), quando afirmam a criação de uma cultura na internet, na qual prevalecem as normas masculinas de comportamento, e o assédio, por exemplo, se torna normal. Os autores afirmam que as mulheres são menos propensas a se envolver em conflitos online, e contribuem menos para páginas de pesquisa, como Wikipédia, por exemplo, pelo fato de não se sentirem confiantes o suficiente para dissertar sobre determinado assunto.

3 IMPACTOS SOCIOECONOMICOS E POTENCIAIS POLÍTICAS DE SOLUÇÃO

O viés digital de gênero, bem como o viés de gênero em geral na sociedade pode impactar de várias formas, tanto no aspecto econômico, quanto no aspecto social. Países podem sofrer com a ausência de mão de obra qualificada, altos índices de fertilidade, bem como baixo controle de doenças, pelo simples fato da existência de um gap econômico e social entre homens e mulheres. O seguinte capítulo visa apresentar esses impactos, bem como algumas políticas de solução que podem ser tomadas, com a finalidade de amenizar a desigualdade de gênero, principalmente no ambiente digital.

3.1 OS IMPACTOS SOCIOECONOMICOS DO VIÉS DIGITAL DE GÊNERO

Como visto no capítulo anterior, há forte correlação entre o acesso e uso da internet e o aumento do empoderamento feminino na sociedade como um todo. Empoderamento pode ser visto tanto do aspecto social, quando as minorias ganham voz e presença de escolha, quanto do aspecto econômico, no qual o empoderamento pode significar a independência financeira, bem como um maior controle frente aos salários no que tange o mercado de trabalho (KHAN & GHADIALLY, 2010).

Seguindo essa linha de raciocínio, Klasen e Lamanna (2009) mostram que a relação entre o crescimento econômico e o aumento no grau de escolaridade e número de empregos para as mulheres. Os autores, através de estudos realizados na África e em boa parte dos países em desenvolvimento, como alguns países do Oriente e América do Sul, concluíram que há necessidade de aumento da participação das mulheres tanto nos campos educacionais, quanto no mercado de trabalho.

Klasen e Lamanna (2009) afirmam que a desigualdade de gênero no mercado de trabalho, por exemplo, faz com que a mão de obra se torne limitada a apenas uma parcela da população. Essa limitação no mercado de trabalho, entretanto, é ocasionada, pela falta de oportunidade que as mulheres têm em relação aos estudos, principalmente, nos países em desenvolvimento. Tal cenário acaba causando um ciclo vicioso entre os *gaps* de educação e trabalho, visto que, dado um mercado de trabalho mais escasso para as mulheres, há diminuição do incentivo das suas famílias no investimento em educação. Para os autores, o aumento da educação pode, também, refletir de outras maneiras, que não sejam no mercado de trabalho. Um dos pontos

levantados por Klasen e Lamanna (2009) é que o aumento educacional pode elevar a qualidade de vida das mulheres, reduzindo taxas de fertilidade, produzindo o chamado bônus demográfico, diminuindo o índice de doenças, dentre outros. Os autores afirmam que, em alguns países, o bônus de investir na educação feminina acaba refletindo em maior escala no crescimento de um país, dado o investimento direto na igualdade no mercado de trabalho, por exemplo.

Heeks (2010) argumenta como a tecnologia pode impactar no desenvolvimento econômico de uma nação. Para o autor, a adoção de tecnologias, como a tecnologia móvel, por exemplo, pode impactar positivamente no comércio, principalmente, a pequenos empresários. Ter em mão a facilidade de controle de preços, previsão de tempo (no caso da agricultura), maior acesso a novos consumidores, maior facilidade de manter contato com consumidores já existentes e a poupança de custos em relação às viagens, pode impactar positivamente na renda daquele pequeno produtor.

Heeks (2010) mostra um estudo feito por Khan & Ghadially (2010), o qual demonstra que o uso de ICTs na Índia ajudou no empoderamento de homens e mulheres, o que causa um impacto social e econômico positivo nas regiões, ajudando na redução de desigualdades e resultando em um melhor posicionamento no mercado de trabalho. Segundo Khan & Ghadially (2010), um estudo realizado na Índia mostrou que as mulheres, ao terem contato com computadores e conexão à internet, sentem maior empoderamento do que os meninos. Os autores mostram que as mulheres sentem impacto maior no que tange ao envolvimento, independência e autoconfiança, enquanto o menino obtém significativa melhora em aspectos que envolvem o controle de ambiente. O artigo mostrou também que as mulheres sentem impacto maior no que se refere ao empoderamento educacional, afirmando que o uso da internet lhes permite ter um maior acesso a notícias, livros, cursos online e informações de universidades. No âmbito econômico o estudo mostrou que as mulheres também obtiveram maior ganho de empoderamento econômico, facilitando a busca por oportunidades de emprego, melhorando relação entre trabalho e família, e dando a oportunidade de obter ganhos através de trabalhos feito em casa.

Tais afirmações sustentam um relatório publicado pelo grupo *Accenture* em 2017. De acordo com o relatório, os impactos que a internet e o acesso a tecnologias têm em relação à desigualdade de gênero são consideráveis. O relatório estima que, em mercados em desenvolvimento, a diferença entre homens e mulheres no mercado

de trabalho, no ritmo atual de crescimento e desenvolvimento econômico, deixaria de existir, apenas, em 2168. O relatório mostra, também que, a cada \$100 que uma mulher ganha, o homem recebe \$258, evidenciando, assim, a diferença entre homens e mulheres no mercado de trabalho.

O relatório aponta que a fluência digital é o fator primordial para reduzir o gap salarial, visto que aumenta a probabilidade da mulher de obter trabalhos remunerados, principalmente, no que tange ao *self-employment*. Segundo a pesquisa, com o aumento da fluência digital, cerca de 100 milhões de mulheres poderiam ser adicionadas ao mercado de trabalho, podendo ocasionar, assim, melhoria econômica significativa para muitos países, ao adicionar mais mão de obra e gerar mais renda para toda uma parcela da população.

Em relação ao fator educacional, o relatório aponta que uma mulher com graduação na área de computação tende a ter acréscimo de 19% no salário. Contudo, o estudo mostra que apenas 37% das mulheres que atingem altos cargos na indústria vem de uma formação na área da computação. O estudo evidencia, também que, apesar de mulheres serem atualmente mais ativas na internet do que os homens, poucas delas se aprofundam em questões mais técnicas. Tal característica pode ser associada com o apresentado ao Cooper (2006), o qual evidencia que as mulheres tendem a se afastar do aprendizado da computação. Caso as mulheres obtivessem incentivo e apoio para quebrar essa barreira, estas poderiam ser mais competitivas no mercado de trabalho.

Um outro estudo, realizado pela World Wide Web Foundation, publicado em 2015, evidencia os impactos econômicos que o acesso a internet, pelas mulheres, pode ter. O estudo mostra que, ao ter o acesso a internet, as mulheres são mais propensas a buscar vagas de emprego online, sendo esse dado correlacionado com a educação. Ou seja, quanto maior o nível de educação da mulher, maior a propensão da mesma em buscar ofertas de emprego online.

3.2 SUGESTÕES DE POLÍTICAS DE SOLUÇÃO

Dentre os autores mencionados, ao longo desse trabalho, alguns deles sugerem políticas de solução para reduzir o gap digital de gênero na internet e, assim, prover maior equalização de acesso e uso que podem ocasionar uma melhora tanto no ponto de vista social quanto econômico. Matwyshyn (2003), por exemplo, faz uma

série de recomendações sobre esforços e políticas que podem ser tomados, tanto no lado público, através de leis governamentais, quanto através do incentivo privado, argumentando que a redução no viés de gênero só é possível caso a força pública e privada se unam. Dentre as recomendações, uma delas é a proposta de ter apenas crianças do mesmo sexo tendo aulas que remetem ao uso da tecnologia. Isso corresponde com o apresentado por Cooper (2006), de que mulheres se sentem mais intimidadas se frequentam aulas de computação com meninos e sugere que aulas apenas com pessoas do mesmo sexo sejam aplicadas nas escolas.

Ainda em relação ao aspecto educacional, Maywysbyn (2003) sugere que ocorra um treinamento mais intensivo no que tange aos educadores, com a finalidade destes terem maior percepção em relação às diferenças de gênero, no que diz respeito ao aprendizado e ao ambiente tecnológico, nas quais estão envolvidos. Para a autora, o setor privado pode contribuir, também, em relação à educação, ao criar feiras e acampamentos tecnológicos voltados, prioritariamente, às mulheres, o que poderia elevar seu interesse nas aulas. Contudo, a autora ressalta que o setor privado só poderia contribuir, caso o setor público esteja preparado para motivar as mulheres à participarem e terem um maior interesse pela tecnologia. Em relação ao setor privado ainda, Cooper (2006) argumenta que é necessário motivar as empresas, principalmente, as que trabalham no âmbito educacional a fabricarem softwares voltados para as mulheres, com a finalidade de aumentar o interesse delas em relação ao computador.

Cooper (2006) argumenta também que é necessário instruir não somente os professores, mas os pais, para que ajudem a diminuir o estereótipo de que computadores são coisas de meninos. Isso pode ser alcançado, segundo o autor, tendo cada vez mais mulheres representativas no se refere à produção de softwares, fazendo com que tanto os pais quanto as meninas se espelhem nesses profissionais no futuro, reduzindo assim, o estereótipo intrínseco da sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente monografia teve como intuito abordar a diferença digital de gênero e expandir os problemas sociais da desigualdade de gênero para o mundo digital, as vezes pouco analisado pela sociedade como um todo. Durante o processo de pesquisa bibliográfica e coleta de dados, notou-se limitação no que tange a quantidade de conteúdo presente sobre o tema, principalmente, em artigos que relacionam o viés de gênero no Brasil.

Mesmo quando as mulheres têm acesso à computadores e celulares, elas ainda enfrentam uma segunda dificuldade que é o viés de gênero em relação ao uso da internet. As barreiras enfrentadas no mundo digital, como visto, são meras réplicas do que é enfrentado diariamente pelas mulheres na sociedade como um todo. Jornadas duplas, triplas, baixa escolaridade, dificuldade de idiomas, dentre outras, são barreiras as quais as mulheres têm que se sobressair para ter uma maior qualidade no uso da internet.

Quebrar essas barreiras e aumentar a igualdade de gênero na internet é fundamental não só no aspecto social, quanto no aspecto econômico e cultural. A internet pode ser uma excelente ferramenta de empoderamento das mulheres, bem como uma ferramenta que expande as fronteiras de trabalho e aprendizado, e com isso, as mulheres podem se informar mais em relação ao hiato salarial no mercado de trabalho, em relação as decisões políticas da nação, campanhas governamentais de saúde, bem como fazer diversos cursos online, com a finalidade de capacitação profissional e empreendedorismo. Esses pequenos detalhes, se somados num todo, podem causar um grande impacto econômico e social nas nações, tanto no que tange ao mercado de trabalho, bem como questões relacionados à custos com saúde e demografia.

Contudo, como foi apresentado, para reduzir essa desigualdade de gênero, pelo menos no que tange o mundo digital, é necessário um esforço tanto do setor público, quanto do setor privado. Melhorar nas formas de educação, bem como repensar alguns processos já feitos, incentivos das empresas para a busca do aprendizado ao oferecerem feiras e até mesmo através de futuras oportunidades de emprego, bem como mudar o *mindset* de professores e pais é necessário para que cada vez menos ocorra a diferença de gênero no mundo digital.

O objetivo em analisar o viés digital de gênero foi alcançado, e evidenciada a sua existência. Dada as limitações apresentadas, é recomendado, para pesquisas futuras, um maior enjamento de pesquisadores brasileiros, bem como a obtenção de dados precisos para avaliação do viés de gênero digital no país. Tendo o país com potencial crescimento, buscar a igualdade digital de gênero o quanto antes pode ser um diferencial.

REFERÊNCIAS

- ACCENTURE. **Getting to Equal 2017**. Disponível em: < https://www.accenture.com/t20170403T052457Z_w_us-en/acnmedia/PDF-45/Accenture-IWD-2017-Research-Getting-To-Equal.pdf>. **Acesso** em: 11 nov. 2017.
- AKER, Jenny C. & Mbiti, Isaac M. Mobile Phones an Economics Development in Africa. **The Journal of Economic Perspectives**, American Economic Association, Vol. 50, No. 3, 207-232, 2010. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/20799163?origin=JSTOR-pdf>>. **Acesso** em: 11 nov. 2017.
- AMY, Antonio.; TUFFLEY, David. The Gender Digital Divide in Developing Countries. **Future Internet**. 1-16, Out. 2014. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/267626150_The_Gender_Digital_Divide_in_Developing_Countries?enrichId=rgreq-a2b208bbd07729778ddb51bbf22ee532-XXX&enrichSource=Y292ZXJQYWdlOzI2NzYyNjE1MDtBUzoxNTk3NDE3NTgxNTY4MDBAMTQxNTA5NjgxMTY5Mw%3D%3D&el=1_x_3&esc=publicationCoverPdf>. **Acesso** em: 11 nov. 2017.
- BERDNT, Ernst R. & RAPPAPORT, Neal J. Price and Quality of Desktop and Mobile Personal Computers: A Quarter-Century Historical Overview. **The American Economic Review**, American Economic Association, Vol. 91, No. 2, 268-273, Mai. 2001. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/2677772>>. **Acesso** em: 11 nov. 2017.
- CAVA, Brit. Women in Tech: Who's Receiving Computer Science Degrees?. **Tableau Public**. 2016. Tableau Public. Disponível em: < <https://public.tableau.com/pt-br/s/gallery/women-tech-whos-receiving-computer-science-degrees?gallery=featured>>. **Acesso** em: 11 nov. 2017.
- COOPER, Joel. The digital divide: the special case of gender. **Journal of Computer Asisted Learning**, John Wiley & Sons Ltd, Volume 22, 320-334, 5 set. 2006.
- DUFLO, Esther. Women Empowerment and Economic Development. **Journal of Economic Literature**, American Economic Association, Vol. 50, No. 4, 1051-1079, Dezembro de 2012. Disponível em: < http://www.jstor.org/stable/23644911?seq=1#page_scan_tab_contents>. **Acesso** em: 11 nov. 2017.
- FOX, Jesse & TANG, Wai Y. Sexism in Online Video Games: the Role of Conformity to Masculine Norms and Social Dominance Orientation, in: **Computers in Human Behavior**. Research Gate. Abr. 2014 Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/261959003_Sexism_in_Online_Video_Games_The_Role_of_Conformity_to_Masculine_Norms_and_Social_Dominance_Orientation?enrichId=rgreq-668b86b44975cbbe7b2b3e9a008339a8-XXX&enrichSource=Y292ZXJQYWdlOzI2MTk1OTAwMztBUzoyNTIzMDY2MjkzMjg4OTdAMTQzNzE2NTk5NjA3OA%3D%3D&el=1_x_3&esc=publicationCoverPdf>. **Acesso** em: 11 nov. 2017.

HEEKS, Richard. Do Information and Communication Technologies (ICTs) Contribute to Development? in: **Journal of International Development**. Vol. 22, Issue 5. Jul. 2010. 625-640.

HUYER, Sophia & Sikoska, Tatjana. **Instraw Research Paper Series No. 1**. Overcoming the Gender Digital Divide: Understanding ICTs and their Potential for the Empowerment of Women. Abr. 2013.

InternetStats. Disponível em: <http://www.internetlivestats.com/internet-users/>. Acessado em: 12 nov. 2017.

JOINER, Richard; STEWART, Caroline; BEANEY, Chelsey. Globalization, ICTs and Economic Empowerment: A Feminist Critique. In: ROSEN, Larry D.; CHEEVER, Nancy A.; CARRIER, L. Mark. **The Wiley Handbook of Psychology, Technology, and Society**. 2015. John Wiley & Sons, Ltd. 2015. 74-88.

KHAN, Farida & GHADIALLY, Rehana. Empowerment through ICT education, access and use: A gender analysis of Muslim youth in India, in: **Journal of International Development**. Vol 22, Issue 5. Jul. 2010. 659-673. Disponível em: < <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/jid.1718/abstract> >. Acesso em: 11 nov. 2017

KLASEN, Stephan & LAMANNA, Francesca. The Impact of Gender Inequality in Education and Employment on Economic Growth: New Evidence for a Panel of Countries, in: **Feminist Economics**. Jul. 2009. 91-132.

KULARSKI, Curtis M.; MOLLER, Stephanie. The digital divide as a continuation of traditional systems of inequality. **Sociology**, 5151, 1-23, 14 dez. 2012.

MANYIKA, James & ROXBURGH, Charles. **The Great Transformer**: The impact of the Internet on economic growth and prosperity. 2011. McKinsey Global Institute. Disponível em: < <https://www.mckinsey.com/industries/high-tech/our-insights/the-great-transformer> >. Acesso em: 11 nov. 2017.

MARCELLE, Gillian M. Thinking BIG to Accelerate Gender Equality and Transformation in the ICT Arena. In: MITTER, Swasti, & NG, Cecilia. **Gender and the Digital Economy**. 2005. Sage Publications India Pvt Ltd, 2005. 231-253.

MITTER, Swasti, & NG, Cecilia. Gender and Empowerment in the Information Economy: An Introduction. In: MITTER, Swasti, & NG, Cecilia. **Gender and the Digital Economy**. 2005. Sage Publications India Pvt Ltd, 2005. 9-25.

MITTER, Swasti, & NG, Cecilia. Valuing Women's Voices: Call Center Workers in Malaysia and India. In: MITTER, Swasti, & NG, Cecilia. **Gender and the Digital Economy**. 2005. Sage Publications India Pvt Ltd, 2005. 132-158.

MITTER, Swasti. Globalization, ICTs and Economic Empowerment: A Feminist Critique. In: MITTER, Swasti, & NG, Cecilia. **Gender and the Digital Economy**. 2005. Sage Publications India Pvt Ltd, 2005. 29-53.

MTWYSHYN, Andrea M. **Northwestern Journal of Technology and Intellectual Property**. Silicon Ceilings: Information Technology Equity, the Digital Divide and the Gender Gap among Information Technology Professionals. Northwestern University School of Law, 2003. Disponível em: <

<http://scholarlycommons.law.northwestern.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1016&context=njtip>>. **Acesso** em: 11 nov. 2017

MUNÉVAR, Dora Inés M., & ARRIETA, Juan Aburto. Gender-Net: A Political Goal of Communication Technologies. In: MITTER, Swasti, & NG, Cecilia. **Gender and the Digital Economy**. 2005. Sage Publications India Pvt Ltd, 2005. 211-230.

OECD (2017), "ICT usage and skills", in **Digital Economy Outlook 2017**, OECD Publishing. Disponível em: < http://www.keepeek.com/Digital-Asset-Management/oecd/science-and-technology/oecd-digital-economy-outlook-2017/ict-usage-and-skills_9789264276284-7-en#page1>. **Acesso** em: 11 nov. 2017.

RAINIE, Lee.; SMITH, Aaron.; SCHLOZMAN, Key L.; BRADY, Henry. VERBA, Sidney. Social Media and Political Engagement. **Pew Research Center**, 1-13, 19 out. 2012. Disponível em: < <http://pewinternet.org/Reports/2012/Political-Engagement.aspx>>. **Acesso** em: 11 nov. 2017.

SALOMA-AKPEDONU, Czarina. Female Spaces in the Philippines' ICT Industry. In: MITTER, Swasti, & NG, Cecilia. **Gender and the Digital Economy**. 2005. Sage Publications India Pvt Ltd, 2005. 93-109.

TSENG, Chloe. Women in Politics. **Tableau Public**. 2016. Tableau Public. Disponível em: < <https://public.tableau.com/pt-br/s/gallery/women-politics-0?gallery=featured>>. **Acesso** em: 11 nov. 2017.

World Wide Web Foundation (2015), The Digital Gap in Digital Empowerment, In: **Women's Rights Online: Translating Access into Empowerment**. Global Report, World Wide Web Foundation, Out.2015. Disponível em: < http://webfoundation.org/docs/2015/10/womens-rights-online_Report.pdf >. Acessado em: 11 Nov. 2017

ZORN, Isabel. Virtual Community Building for Networking among Women. In: MITTER, Swasti, & NG, Cecilia. **Gender and the Digital Economy**. 2005. Sage Publications India Pvt Ltd, 2005. 186-208.